

# MILAGRE E DEVOÇÃO: O CONTRIBUTO DAS CRÔNICAS FRANCISCANAS PARA O ESTUDO DE IMAGINÁRIA DEVOCIONAL ENCONTRADA NO BRASIL (SÉCULOS XVI E XVII)

RAFAEL FERREIRA COSTA\*

**Resumo:** *As crônicas franciscanas se destacam enquanto fontes para a historiografia brasileira ao preservarem a memória da Ordem dos Frades Menores no contexto colonial. Suas narrativas evidenciam aspectos da vida política, social e religiosa dos frades, enquanto contribuem para o preenchimento de lacunas deixadas pela ausência documental dos arquivos da referida ordem no Brasil. Este trabalho tem como enfoque as descrições feitas pelos cronistas acerca das imagens devocionais encontradas no território brasileiro, entre os séculos XVI e XVII, com destaque para as notícias que evidenciam milagres atribuídos às obras escultóricas. O objetivo é estabelecer relações entre a imaginária local com os espaços onde ocupavam (conventos e cidades), perceber a conexão que se constitui entre essas manifestações divinas e a espiritualidade franciscana, com a cultura local e a devoção dos fiéis, assim como refletir sobre o impacto que geram na construção do discurso sobre o legado franciscano nessas crônicas.*

**Palavras-chave:** *Crônicas franciscanas; Brasil colonial; Imagens devocionais; Milagres; Narrativas.*

**Abstract:** *The Franciscan chronicles stand out as sources for Brazilian historiography by preserving the memory of the Order of Friars Minor in the colonial context. Their narratives show aspects of the political, social and religious life of the friars, while they also contribute to fill the gaps left by the absence of documents in the archives of the Order in Brazil. This work focuses on the descriptions made by the chroniclers about the devotional images found in the Brazilian territory between the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries, with emphasis on the news that described miracles attributed to the sculptures. The goal is to establish a relation between the local imagination and the spaces the friars occupied (as convents and cities), to understand the connection between these divine manifestations and the Franciscan spirituality, the local culture and the faithful's devotion, as well as to reflect on the impact they create in discourses about the Franciscan legacy in these chronicles.*

**Keywords:** *Franciscan chronicles; Colonial Brazil; Devotional images; Miracles; Narratives.*

## INTRODUÇÃO

A imaginária devocional marcou a arte sacra brasileira colonial enquanto intermediária litúrgico-devocional, cuja relevância histórico-artística ainda carece de pesquisas. Seu estudo foi integrado, desde o início do século XX, às campanhas em prol do estudo e recuperação do patrimônio colonial brasileiro. Nesse corpo investigativo, no artigo *O Barroco colonizador: a produção historiográfico-artística no Brasil e suas principais orientações teóricas* (2013), Jens Baumgarten e André Tavares identificam historiadores como Germain Bazin, Robert Chester Smith,

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001. Email: rafael.fe.costa@gmail.com.

John Bernard Bury, Hannah Levy, Mário de Andrade, Lourival Gomes Machado, Eduardo Etzel e Maria Regina Emery Quites, que realizaram estudos sobre expressões artísticas brasileiras dos séculos XVI ao XVIII. A imaginária devocional está inclusa nesse acervo enquanto parte do patrimonial material, mas que também transita em aspectos da imaterialidade, quando se vincula às manifestações culturais dentro e fora dos espaços religiosos. As imagens se envolvem na mística cerimonial das igrejas e das capelas, assim como nas tradições populares, nas «crendices» e nos sincretismos praticados em diversas camadas da sociedade brasileira. Como atesta Vera Irene Jurkevics:

*Tratava-se, sobretudo, de um catolicismo piedoso, santoral e festivo expresso nos exercícios de piedade individual e de comunicação com Deus, quase sempre intermediada por divindades, além da valorização dos aspectos visíveis da fé, através das cerimônias públicas dos sacramentos, das novenas, das trezenas, das rezas fortes, das romarias, dos te-déuns, das procissões cheias de alegorias, de que participavam centenas de pessoas, dos santos padroeiros, das devoções especiais às almas do purgatório e muitas outras, conforme a região<sup>1</sup>.*

Atendendo às necessidades da população local, essas imagens eram feitas em diversos materiais (autóctones ou importados), tamanhos e funções, para preencherem espaços religiosos e civis. O atraso em catalogar, organizar e preservar o patrimônio colonial brasileiro resultou em inúmeras perdas para o país. Para além das obras danificadas ou destruídas, muitas foram realocadas ou extraviadas de seus locais de origem, resultando em significativas perdas histórico-artísticas. Raphael Fabrino aponta que «poucas imagens das capelas e igrejas dos pequenos povoados do século XVI chegaram à atualidade, estando esses poucos exemplares espalhados por igrejas e museus da Bahia, São Paulo e Espírito Santo»<sup>2</sup>. A difícil tarefa dos pesquisadores em reconectar as finas teias que ligam esses objetos podem ter como ponto de partida a inventariação dos acervos dos conventos e a busca por fontes documentais. Como, por exemplo, a catalogação realizada por Bartira Ferraz Barbosa, Débora Mendes e Maria Helena Assis sobre o tesouro artístico do Convento de São Francisco de Olinda (2008). As historiadoras identificaram 137 peças escultóricas<sup>3</sup>, entre imagens de vulto e de roca, relicários, urnas e cruzeiros, feitas em terracota, madeira, pedra calcária, gesso e metal, que estão datadas entre os séculos XVII e XX. As autoras se restringiram na sua catalogação, não adentrando no universo espiritual dos objetos no espaço.

---

<sup>1</sup> JURKEVICS, 2004: 26.

<sup>2</sup> FABRINO, 2012: 71.

<sup>3</sup> BARBOSA, MENDES, ASSIS, 2008: 298-301.

Adentrar no universo das crônicas franciscanas brasileiras é um caminho alternativo para tais dificuldades, pois percorrem diversas memórias da ordem, cujas trajetórias permeiam amplos temas vinculados direta ou indiretamente aos religiosos. Tentar dar conta de tal amplitude está longe de ser alcançado em poucas páginas, mas podemos apontar aspectos desse universo através dessas obras. Neste artigo refletiremos sobre a imaginária devocional encontrada no Brasil, através das informações deixadas por frades franciscanos em suas crônicas, escritas durante o período colonial. Ressaltamos que muitas das imagens aqui apresentadas podem não se encontrar nos edifícios onde foram pensadas para estarem, ou já não se sabe qual o seu paradeiro atual. Para o enfoque deste artigo, partimos do entendimento do que seja uma crônica, escavamos trechos sobre imagens, seja como objeto artístico ou espiritual, para adentrar nas relações com a realidade colonial brasileira.

## 1. AS CRÔNICAS NA HISTORIOGRAFIA CLÁSSICA FRANCISCANA

O conceito de «crônica» remonta à Antiguidade como termo («*chronos*») utilizado para se referir ao tempo. Adaptado como gênero histórico-literário, refere-se à construção textual cronológica, ou seja, de maneira linear com um objetivo final determinado. Anderson Reis e Luiz Fernandes destacam que a noção de crônica esteve diretamente relacionada com a definição de «História», e foi aplicada aos interesses dos Impérios ultramarinos como recurso discursivo de reconhecimento e validação histórica dos «sucessos públicos e políticos»<sup>4</sup> no Novo Mundo. No contexto das ordens religiosas, o gênero se popularizou como recurso ao enaltecimento da Verdade cristã, tendo adquirido aderência entre os mendicantes:

*desde la Baja Edad Media, las provincias mendicantes hicieron uso de la crónica para guardar la memoria de los hechos que sus miembros realizaban por la salvación de las almas y para exaltar y promover el prestigio de sus instituciones, por lo que uno de los cargos más honoríficos en cada provincia era el de cronista*<sup>5</sup>.

Entre os séculos XVI e XVIII, o interesse pela racionalidade crítica levou historiadores a romperem os laços com as crônicas, tratando-as como fontes secundárias. O caso foi revertido no século XIX, quando o gênero passou por novas interpretações e todo o seu potencial histórico foi analisado. No Brasil, a trajetória franciscana foi retomada por novas pesquisas, cujas bases foram alicer-

---

<sup>4</sup> REIS, FERNANDES, 2006: 25-26.

<sup>5</sup> *Apud* REIS, FERNANDES, 2006: 27.

çadas nas crônicas da ordem. Tania Conceição Iglesias aponta que *A Ordem dos Frades Menores no Brasil: Resumo Histórico-Chronológico 1500-1924* (1924), de frei Samuel Tetteroo, se «trata de um relato da presença franciscana no Brasil desde sua descoberta até 1924 e utiliza como fontes, além das crônicas da ordem, dentre as quais as de Jaboatão são as mais citadas, apontamentos, registros e anotações elaborados por confrades»<sup>6</sup>. A historiadora destaca o papel da obra de frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, cronista oficial da ordem no Brasil, que encerrou o ciclo de publicações da historiografia clássica franciscana.

Entre os séculos XVII e XVIII, as memórias da Ordem dos Frades Menores no Brasil foram registradas por membros da ordem — tanto religiosos que estiveram no país como aqueles que escreveram através de relatos<sup>7</sup> — num conjunto de dez obras:

**Tabela 1.** Lista de obras da historiografia clássica franciscana no Brasil

	Obra	Ano	Autoria
01	<i>História da Missão Capuchinha na Ilha do Maranhão e Circunvizinhança</i>	1614	Frei Claude d'Abbeville
02	<i>Viagem ao norte do Brasil</i>	1615	Frei Yves d'Évreux
03	<i>Crônica da Custódia do Brasil</i>	1618	Frei Vicente do Salvador
04	<i>Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil: 1584-1621</i>	1637	Frei Manuel da Ilha
05	<i>Epítome da Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil</i>	1730	Frei Apolinário da Conceição
06	<i>Primazia Seráfica na Região da América, Lisboa</i>	1732	
07	<i>Pequenos na Terra e Grandes no Céu</i>	1732-1754	
08	<i>Claustro Franciscano</i>	1740	
09	<i>Eco Sonoro: Biografia de Frei Fabiano de Cristo</i>	1748	
10	<i>Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores do Brasil</i>	1752-1761	Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão

Fonte: IGLESIAS, 2011a: 126-129

No caso da *Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil: 1584-1621* (1637), frei Manuel da Ilha se detém em descrever a fundação dos conventos e algumas missões no Brasil, sendo as notícias sobre imagens muito escassas. Quanto a frei Apolinário da Conceição, sua ampla produção textual nos leva a

<sup>6</sup> IGLESIAS, 2011b: 24-25.

<sup>7</sup> Frei Manuel da Ilha escreveu a *Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil: 1584-1621* a pedido do ministro-geral da ordem frei Benigno de Gênova, em 1621. O cronista era membro da Província de Santo Antônio de Portugal e nunca esteve no Brasil. Sua obra foi publicada em 1637, com base em relatos de terceiros e textos precedentes, como a *Crônica da Custódia do Brasil* (1618), escrita por frei Vicente do Salvador e atualmente desaparecida — o que caracteriza a obra de frei Manuel da Ilha como a mais antiga da historiografia clássica franciscana de que se tem notícia. PACHECO, 2018: 3.

informações mais aprofundadas sobre imaginária em *Primazia Seráfica na Região da América* (1733) e *Claustro Franciscano* (1740). Entretanto, é frei Antônio de Santa Maria Jaboatão quem mais desenvolve a pesquisa histórica das províncias brasileiras, com descrições pormenorizadas, extraídas de todas as fontes que teve acesso. O *Novo Orbe Seráfico Brasílico* é a principal fonte aqui utilizada, afinal a obra de frei Jaboatão — como é conhecido — se configura na mais completa crônica sobre os franciscanos no Brasil. O frade foi eleito cronista oficial da ordem, em Capítulo Provincial de 1755<sup>8</sup>, e passou duas décadas realizando um prodigioso trabalho de recolha de dados, visitação dos conventos, acesso às documentações inéditas, além de preservar a memória de seus contemporâneos. O detalhamento de toda a trajetória franciscana até o século XVIII foi distribuída em cinco livros, sendo dois no primeiro volume e três no segundo, onde descreveu narrativas catequéticas, questões político-sociais e informações do patrimônio material (artístico e edificado) e imaterial. Ou seja, as obras clássicas da historiografia franciscana no Brasil adentram nos espaços conventuais, em episódios ligados à vida da ordem, obtemos informações de igrejas, capelas e altares, assim como imagens devocionais.

## 2. SOBRE AS DESCRIÇÕES

Os dados recolhidos nas crônicas franciscanas nos direcionam a episódios isolados, mas relevantes sobre a imaginária devocional. Ressaltamos que os cronistas não tinham o objetivo de catalogar e sistematizar o acervo artístico da ordem, sendo o frei Jaboatão quem mais se aproxima dessa abordagem ao tratar da fundação dos conventos franciscanos. Tomemos como exemplo o Convento de Santa Maria Madalena de Marechal Deodoro (Alagoas), onde o autor detalha a construção do oratório da antiga vila de Alagoa:

*No altar maior tem lugar no meyo, e ao pé do throno, a Imagem da Santa Magdalena, como titular desta caza; sendo taõbem a Padroeira da Villa; ao lado direito a do Serafico Patriarcha, e no da parte esquerda a do gloriozo Santo Antonio. Nos dous do Cruzeiro está no da parte da Epistola o Simulacro da Senhora da Conceição, e o da mesma Senhora com titulo do Desterro da parte do Evangelho, em o qual estaõ collocadas taõbem as Imagens, que representaõ este passo de Jesus Menino, e S. Joseph. Nelle tem sepultura Ignacio Vieyra, e sua mulher Mecia Barboza, e seos herdeiros por escriptura de 27 de Dezembro de 1660, tendo ornado o altar de todo o necessario, e assignando renda para o diante no rendimento de meia legoa de terra, oitenta vacas parideiras, e hum Escravo, o que depois se comutou em 25 arrobas de*

---

<sup>8</sup> ALMEIDA, 2012: 43.

*açucar no Engenho, que levantaraõ na ditta terra os proprietarios. Desta mesma parte do Evangelho no corpo da Igreja está huã Capella com arco na parede pela parte de dentro por onde se entra. Foy feita por Joaõ de Araujo de Lima, e seo Irmaõ o P. Domingos de Araujo de Lima para nella se enterrarem, e seos Ascendentes, e Descendentes. No seo altar estaõ collocadas as duas Imagens dos Santos, de quem estes devotos tinhaõ os nomes; o Grande Baptista S. Joaõ, e o Patriarcha Saõ Domingos. Fez-lhes o Cobvento a data por escriptura de 14 de Fevereyro de 1709, hypotecando elles dous mil cruzados a juro, para ornato, e paramentos da ditta Capella<sup>9</sup>.*

O trecho acima exemplifica muitas informações relevantes sobre o tema. Logo a princípio o cronista informa sobre o altar-mor, construído em 1689, e os altares colaterais e laterais, com seus respectivos santos. Entronizada no retábulo da capela-mor está a imagem de Maria Madalena, único edifício franciscano brasileiro onde a santa foi colocada como arauto, resultante da devoção local na antiga vila de Madalena de Sumaúma<sup>10</sup>. Afinal, como evidencia Vera Irene Jurkevics, o papel de patrono destaca «os santos padroeiros, considerados como mediadores especiais de uma cidade, região ou país ou ainda de determinados grupos humanos, como resultado de uma antiga tradição romana, pois o chefe patricio era juridicamente considerado patrono, em relação a seus clientes»<sup>11</sup>. Nos altares colaterais, havia, no lado da Epístola, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, e no lado do Evangelho, de Nossa Senhora do Desterro, do Menino Jesus e de São José, enquanto, na capela lateral (lado do Evangelho), estavam as imagens de São João Batista e São Domingos de Gusmão. Em todos os casos, o relato de frei Jaboatão revela os encomendantes dos altares (Ignacio Vieyra, Mecia Barboza; João de Araújo de Lima e Domingos de Araújo de Lima), cujo objetivo seria a garantia de seus sepultamentos no interior da igreja, assim como discrimina os acordos financeiros realizados pelos mandantes e os franciscanos para a obra e a responsabilidade dos mesmos em rezar pela alma dos que escolheram esta igreja como local de sepultura. Destacamos ainda a relação direta da devoção dos irmãos João e Domingos de Araújo de Lima, que está atrelada diretamente aos seus nomes de batismo.

A intervenção divina através das imagens, no entanto, permeia grande parte das descrições sobre a trajetória evangelizadora dos franciscanos, se manifestando de múltiplas formas e contextos. Seja através de aparições, vitórias em batalha, intervenções catequéticas — apresentadas mais adiante — ou intermédio diante de situações difíceis, como auxílios médicos, exemplificado no milagre do jovem

---

<sup>9</sup> JABOATÃO, 1858: IV, 608-609.

<sup>10</sup> Posteriormente denominada vila de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul e, atualmente, conhecida como cidade de Marechal Deodoro, no Estado de Alagoas.

<sup>11</sup> JURKEVICS, 2004: 119.

cego por bruxaria. Segundo frei Jaboatão o rapaz voltou a ver após aplicação do pó da imagem de madeira de Cristo do Convento de Santo Antônio de Sirinhaém (Pernambuco) nos olhos do enfermo<sup>12</sup>. Outro intermédio divino foi acentuado por frei João de Nossa Senhora nas licenças expedidas pelo Santo Ofício para publicação do *Claustro Franciscano* (1740). O frade atesta que a existência desta obra, assim como *Pequenos na terra, Grandes no Céu* (1732-1754), se deu através das bênçãos dadas a frei Apolinário da Conceição pelas imagens de Nossa Senhora e dos Santos Diogo de Alcalá, Pascoal Bailão e Salvador de Horta. O episódio ocorreu no Convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas (Lisboa), como afirmou o ministro-geral da ordem:

*Naõ foy outra cousa, senão a muita fé, com que este taõ erudito, como bem inclinado Religioso se pegou com a devotissima, e venerabilissima Imagem da Madre de Deos, cuja Casa frequenta todos os Sabbados, supplicando-lhe continuamente, que o ajudasse nesta difficilima empreza, o que fez tambem aos tres Santos Leigos Diogo, Pascoal, e Salvador, que em tres Imagens perfectas, e milagrosas se veneraõ todos tres juntos em hum Altar da Igreja deste Real Convento de Santa MARIA de JESUS de Xabregas<sup>13</sup>.*

O papel da Virgem enquanto intercessora é tema recorrente na vida dos religiosos franciscanos, mas é o auxílio dos três santos que se destaca pela sua singularidade. Além da reconhecida devoção de São Diogo de Alcalá e São Salvador da Horta como taumaturgos, o Ministro Geral enaltece a história de São Pascoal Bailão pelos seus escritos como teólogo escolástico, místico, moral, dogmático, historiador e poeta. Ou seja, as bênçãos são prestadas por santos ligados à intelectualidade e às manifestações miraculosas. Destaquemos que o caso ocorreu em Portugal, onde sua veneração é recorrente, o que justifica a devoção prestada por frei Apolinário da Conceição ser algo excepcional no universo franciscano brasileiro, mas pertinente neste artigo quando observamos que a própria elaboração das crônicas está diretamente imersa na mística da imaginária devocional desde sua gênese.

### 3. ENTRE A MEDIAÇÃO E A DOCTRINA

A imaginária devocional se envolveu profundamente com a realidade colonial brasileira e suas necessidades temporais e espirituais. A taumaturgia levava ao crescente culto popular dos santos milagreiros contra doenças, fenômenos meteo-

---

<sup>12</sup> JABOATÃO, 1858: IV, 509-511.

<sup>13</sup> In CONCEIÇÃO, 1740.

rológicos ou crises financeiras<sup>14</sup>, como Nossa Senhora do Bom Parto (ou do Ó) contra a morte no parto, Santo Onofre contra a fome, São Roque contra as pestes ou Santa Bárbara contra tempestades e incêndios. Esta última reflete a realidade sincrética do cotidiano colonial ao ser importada de Portugal e, posteriormente, associada à orixá Iansã<sup>15</sup>. Afinal, a convivência entre indivíduos de origens e culturas distintas no Brasil levou muitos(as) santos(as), beatos(as) e mártires a serem adaptados à nova realidade. Tal sincretismo é um dos exemplos da constante rixa da Igreja às manifestações populares que deturpavam os valores cristãos, sendo alvo de crítica no Concílio de Trento e combatidos pelos bispados. A distância entre a Igreja e a América, intensificada pelo Padroado Régio e a liberdade ofertada pela Coroa, levaram a manifestações religiosas que se distanciavam dos dogmas católicos. Para dar conta de procissões, romarias, novenas, confrarias e irmandades, onde mesclavam-se interesses do povo (sejam portugueses proprietários de terras, índios ou negros escravizados), a diocese da Bahia realizou um sínodo, cujo resultado foi a adaptação das *Constituições Sinodais de Lisboa* à realidade local. O resultado foi a publicação, em 1707, das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. A obra foi realizada por D. Sebastião Monteiro de Vide e integrou o conjunto de regulamentações canônico-pastorais sobre a vida e as práticas cerimoniais, dentre elas a orientação para a fabricação e culto às imagens devocionais. Em 2019, Danilo Pinto dos Santos atesta que:

*O Concílio de Trento responderá ao problema, censurando a idolatria e reafirmando, peremptoriamente, a necessidade de prestar o culto aos santos. Reiterando as chamadas dulia (veneração aos anjos e santos) e hiperdulia (veneração à Virgem Maria) na vida da Igreja, o concílio apresenta uma normatização que, em um só tempo, contesta a Reforma Protestante e orienta a produção da imaginária sacra. A orientação baseou-se nos seguintes pontos: a intercessão dos santos, sua invocação, o culto às relíquias e o uso legítimo das imagens; a veneração dos santos e mártires; o culto de latria (Jesus Cristo), hiperdulia (Virgem Maria) e dulia (Santos); o papel pedagógico da arte sacra; e o controle da representação<sup>16</sup>.*

No trecho acima, o historiador não apenas destaca a preponderância dada pelo Concílio de Trento a Cristo, cerne das práticas litúrgicas, à Virgem e aos santos, intercessores, como também destaca o combate contra as ameaças à cristandade. Sejam contra os islâmicos, os hereges, os pagãos ou os gentios, a história da Igreja foi permeada por sucessivas batalhas pela manutenção da fé católica. No contexto colonial português, os séculos XVI e XVII foram marcados pela cons-

<sup>14</sup> JURKEVICS, 2004: 150.

<sup>15</sup> Divindade de origem lorubá, Iansã (também conhecida como Oyá), é associada ao fogo, raios, ventos e tempestades, além da cor vermelha, resultando na assimilação com Santa Bárbara.

<sup>16</sup> SANTOS, 2019: 445-446.

tante — e conflitante — relação com os nativos, enquanto lidavam com os ataques dos calvinistas franceses e holandeses no litoral brasileiro, o que se reflete na produção das imagens devocionais:

*Os critérios de produção artística apresentados nas Constituições Primeiras se relacionam à três realidades da Igreja presentes no ultramar português, a saber, à educação cristã da comunidade crente, ao combate às heresias da Reforma Protestante e práticas heterodoxas da vida de fé e aos excessos constatados na produção da imagi-nária sacra, pelo estilo da época ou gosto do artista*<sup>17</sup>.

Os dois primeiros direcionamentos apontados por Danilo dos Santos nas *Constituições* são temas comuns nas descrições das imagens devocionais nas crônicas franciscanas. Afinal, a Ordem dos Frades Menores participou ativamente da história nacional, seus missionários «circulaient dans toutes les couches sociales et étaient en contact avec des gens de toute origine qu'ils soient Indiens, Blancs, Noirs, ou Pardos»<sup>18</sup>. Ou seja, atuaram na evangelização dos nativos, auxiliaram nas dinâmicas político-sociais dos colonos portugueses, assim como estiveram presentes em episódios bélicos (ataques indígenas, franceses e holandeses), orientando e animando o espírito dos militares. Como indica Anna Maria de Carvalho:

*Quer sob a forma contida e hierática do Maneirismo, dramaticamente expandida, do Barroco, ou refinada, do Rococó, todas essas imagens são de grande efeito doutrinário, quer pela força que emanam na representação do sofrimento, da pureza, do exemplo de vida virtuosa, de pobreza e, muitas vezes de martírio, uma santificação promovida pela Igreja Católica, através da Contra Reforma, como um caminho pelo qual o fiel poderia estabelecer um elo com o Divino*<sup>19</sup>.

Quanto aos índios, desde 1500 que os franciscanos atuaram diretamente na conversão dos ditos gentios. Quando frei Henrique de Coimbra realizou a primeira missa no Brasil, o frade marcou o princípio da cristianização na então Terra de Santa Cruz. Em 1585, frei Melchior de Santa Catarina funda a Custódia de Santo Antônio do Brasil, institucionalizando a catequese franciscana no litoral brasileiro. No mesmo ano foi construído o primeiro dos 29 conventos espalhados por todo o litoral brasileiro, em Olinda. Os demais foram distribuídos entre 13 na província de Santo Antônio do Brasil (Nordeste), 13 na província da Imaculada Conceição do Rio de Janeiro (Sudeste) e 3 nos Comissariados do Grão-Pará e Maranhão (Norte). Sob a administração desses conventos foram instaladas

---

<sup>17</sup> SANTOS, 2019: 449.

<sup>18</sup> ALMEIDA, 2012: 22.

<sup>19</sup> CARVALHO, 2009: 26.

missões no interior dos aldeamentos, com o intuito de inserir o cristianismo na cultura local, catequisar as crianças e combater qualquer comportamento que ferisse os valores católicos. Alguns episódios foram marcados pela manifestação divina que auxilia os Frades Menores junto aos nativos, como na *Primazia Seráfica na Região da América*, onde identificamos a participação da imagem de Cristo na unção de um índio batizado, mas que continuava seguindo os hábitos «getílicos»:

*Foy o segundo, que achando-se entre os mesmos Gentios hum, que sem se dar a conhecer, já era bautizado, e havia morado na Villa de Santos, daqui fugindo para os mesmos Certões em que nascera, seguia os mesmos costumes em que se criara, mas adoecendo mortalmente, foy chamado este Padre [frei Cosme] para que o puzesse em caminho de salvaçãõ. Empregado já nesta diligência, se declarou o moribundo, referindo-lhe o que se tem exposto, e pedindo com grandes demonstrações de arrependido, que o confessasse; absolto da apostasia, e também dos pecados por meyo da Confissão, pegou na Imagem de Christo crucificado, e com grandíssimos sinaes de predestinado, rendeo ao Senhor seu espirito, deixando a seu Confessor obrigado a render ao mesmo Senhor repetidas graças pelas que concedia às suas criaturas, como se vio com esta<sup>20</sup>.*

No relato, frei Apolinário da Conceição destaca como a imagem de Cristo serviu de mediador no sacramento da extrema-unção, onde «Todos os feis Christãos, que tiverem discrição, e malicia para peccar, são capazes deste Sacramentos, e o devem receber, estando enfermos tão gravemente»<sup>21</sup>. D. Sebastião Monteiro de Vide indica que é comum a presença da cruz no sacramento — sendo carregada por um clérigo —, assim como os Santos Óleos benzidos pelo bispo. Outro episódio que evidencia o fervor devocional ocorreu em Vila Velha, na Bahia, com a imagem de Nossa Senhora da Graça. O episódio miraculoso ocorreu em meados do século XVI, mas seu impacto se reverberou por gerações. A Virgem havia visitado a índia Catarina Álvares Paraguaçu, esposa de Diogo Álvares Correia (o Caramuru), em seu sonho, pedindo-lhe que a encontrassem entre os destroços do naufrágio de uma embarcação castelhana no litoral baiano. Após diversas buscas, a escultura foi encontrada numa caixa de madeira — indicativo do modo como eram transportadas — e foi colocada numa capela de taipa, a primeira da capitania da Bahia. Além do local onde a imagem se encontra atualmente, frei Jaboatão nos indica aspectos da materialidade como a sua origem castelhana, sua confecção em madeira e suas dimensões, dado escasso nas crônicas. No que tange ao espiritual, a narrativa evidencia a demonstração da força da fé entre os indígenas, cristalizada na devoção de Catarina Álvares, e que resultou no culto à Virgem da Graça. A capela onde a imagem foi colocada foi doada aos

<sup>20</sup> CONCEIÇÃO, 1733: 73-74.

<sup>21</sup> VIDE, 1853: 82.

benedictinos na década de 80 do século XVI, e ali a princesa indígena foi enterrada, enquanto a santa passou a receber veneração dos fiéis com adornos e ex-votos:

*collocada no Altar da Capella mayor, e para mais culto, e veneração cuberta no seu nicho com hum véo rico, e todo o adorno competente, e que se deve a tão prodigioso simulacro, e em todo o tempo milagroso, como publicão pendentes das paredes os varios troféos da sua piedade*<sup>22</sup>.

No combate aos opositores da cristandade, os cronistas também atribuíram vitórias ao apoio dos santos e santas, como conta frei Manuel da Ilha sobre a imagem de Santo Antônio de Arguim. Durante uma viagem à Bahia, em 1595, uma esquadra francesa de 12 velas atacou a ilha africana de Arguim. Em meio a pilhagem e destruição do forte, os invasores recolheram para si alguns objetos, como a imagem de Santo Antônio, cuja narrativa destaca a vingança de Deus perante os hereges protestantes que desrespeitaram seu santo. Durante a viagem, os franceses depredaram a imagem com golpes de espada, arrastaram-na pelo convés e lançaram-na aos cães para satisfação de seu «escárnio iconoclasta». A força divina respondeu ao sacrilégio arruinando os mantimentos e causando a morte de muitos tripulantes e a prisão de outros em Salvador. A imagem apareceu em pé na praia — sem auxílio humano —, ao que foi reconhecida a vingança divina<sup>23</sup>. Moreno Pacheco analisa tal relato e suas consequências para a sociedade sotero-politana<sup>24</sup> em seu artigo *Cronista de uma custódia distante: fr. Manuel da Ilha e sua narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil (1621)* (2018). O pesquisador dedica parte de sua investigação às transcrições compiladas por frei Manuel da Ilha, e sua importância para o entendimento das motivações por trás da eleição de Santo Antônio de Arguim como padroeiro da cidade de Salvador, além do surgimento da confraria do santo:

*O culto a santo Antônio, “martelo dos hereges”, cristalizava-se nesta invocação baiana pelo aniquilamento da esquadra francesa e pela proteção concedida à cidade da Bahia, onde os sobreviventes foram torturados e enforcados. Mas continuaria sendo ativado nas lutas com holandeses ao longo do século XVII, enraizando uma dupla vinculação, política e religiosa, ao modo daquela identificada na festa de Corpus Christi por Beatriz Catão. A eleição de Antônio como padroeiro ainda promoveria efeitos políticos ao equiparar a cidade da Bahia a Lisboa, também protegida pelo santo, num momento em que a cabeça do Estado do Brasil via sua capitalidade fortalecida e seu prestígio aumentado*<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> JABOATÃO, 1858: I, 52.

<sup>23</sup> ILHA, 1975: 33-42.

<sup>24</sup> Termo gentílico para àqueles que nascem em Salvador.

<sup>25</sup> PACHECO, 2018: 12-13.

Caso similar ocorreu no Convento franciscano de Nossa Senhora da Penha de Vila Velha (Espírito Santo), onde a imagem da Virgem foi trasladada, durante os ataques holandeses, para o Convento de São Francisco de Vitória. Por intermédio da Senhora da Penha e dos Santos Mártires Tebanos — padroeiros de Vila Velha — os vila-velhenses obtiveram a vitória, resultando na construção de um altar e uma confraria no Convento da Penha<sup>26</sup>. Ou seja, a taumaturgia dos santos, em favor dos portugueses, gerou manifestações populares que, apesar de criticadas pela Igreja, demonstravam a devoção dos seus fiéis.

É curioso notar que os conflitos que causaram tamanhos danos ao patrimônio sejam os mesmos que nos levaram a ter notícias de imagens, permitindo a realização de pesquisas históricas. No tocante às crônicas, esse período de instabilidade afetou a visão dos franciscanos, pois, como frei Marcos de Almeida destaca, os 24 anos de presença holandesa no Nordeste ainda eram feridas abertas na memória local. O sermão proferido por frei Jaboatão, em 27 de janeiro de 1731, para a celebração da Restauração de Pernambuco (1654), evidencia o olhar sobre os holandeses como hereges, inimigos da fé católica:

*Son but était d'abord de démontrer que la Restauração de Pernambuco avait été une victoire du catholicisme sur les protestants « hérétiques ». Inspiré par une vision providentialiste, Frère Jaboatão était sûr que la victoire pernamboucaine avait été guidée par la main de Dieu. [...] Les Hollandais, au contraire, étaient des hérétiques, des ennemis de la foi catholique, des usurpateurs<sup>27</sup>.*

Portanto, frei Jaboatão corrobora esses valores tridentinos presentes nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, que, assim como os demais cronistas, foram ataçados pelo espírito missionário da ordem e pela memória negativa da presença holandesa no Nordeste. O resultado é a utilização das imagens sacras como recurso discursivo, ou seja, as suas descrições carregam, nas crônicas franciscanas, camadas de informações que vão desde o sentido da materialidade (localidade, materiais, formas), passando pelo devocional (taumaturgia, manifestações de fé e cerimônias) até alcançar o político (combate aos pagãos, hereges e qualquer ameaça à cristandade). Tal dimensionalidade evidencia o relevante papel que essas crônicas, escritas entre os séculos XVII e XVIII, têm para desvelarmos aspectos da realidade colonial brasileira sobre a devoção às imagens, soterradas por séculos de esquecimento, extravio e destruição. Reiteramos que este artigo buscou analisar aspectos do tema, sendo ainda necessário explorar e destacar inúmeras outras questões pertinentes a historiografia franciscana no Brasil Colônia.

---

<sup>26</sup> JABOATÃO, 1858: II, 92-93.

<sup>27</sup> ALMEIDA, 2012: 25.

## FONTES

- CONCEIÇÃO, Apolinário da (1733). *Primazia seráfica na regiam da América, novo descobrimento de santos, e veneráveis religiosos da ordem Seráfica, que ennobrecem o Novo Mundo com suas virtudes, e acçoens*. Lisboa: Oficina de Antonio de Souza da Silva.
- CONCEIÇÃO, Apolinário da (1740). *Claustro Franciscano, erecto no dominio da Coroa Portuguesa, e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas*. Lisboa: Oficina de António Isidoro da Fonseca.
- FABRINO, Raphael João Hallack (2012). *Guia de Identificação de Arte Sacra*. Rio de Janeiro: PEP/MP/IPHAN.
- ILHA, Manuel da (1975). *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil (1584-1612)*. Introdução, notas e tradução de Ildefonso Silveira. Petrópolis: Editora Vozes.
- JABOATÃO, Antônio de Santa Maria (1858). *Novo orbe seráfico brasílico ou chronica dos frades menores da província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, vols. I-IV.
- VIDE, Sebastião Monteiro de (1853). *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Tipografia de Antônio Louzada Antunes.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Marcos Antônio de (2012). «*L'Orbe Seráfico, Novo Brasilico*»: *Jaboatão et les franciscains à Pernambouc au XVIIIe siècle*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales. Tese de doutoramento.
- BARBOSA, Bartira Ferraz; MENDES, Débora; ASSIS, Maria Helena (2008). *Acervos históricos e artísticos: Convento de São Francisco de Olinda*. «Revista Lusófona de Ciências da Religião». VII:13/14, 289-309.
- BAUMGARTEN, Jens; TAVARES, André (2013). *O Barroco colonizador: a produção historiográfico-artística no Brasil e suas principais orientações teóricas*. «Perspective». 2, 1-22.
- CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de (2009). *Os conventos e igrejas franciscanas do Nordeste Brasileiro no período colonial. Urbanismo-Arquitetura-Artes Plásticas*. In FERREIRA-ALVES, Natália Marinho, coord. *Os franciscanos no mundo português. Artistas e obras I*. Porto: CEPES, pp. 17-35.
- IGLESIAS, Tania Conceição (2011a). *Fontes Franciscanas: Historiografia clássica da Ordem do Brasil Colonial*. «Revista Histedbr On-line». 41, 125-135.
- IGLESIAS, Tania Conceição (2011b). *Fontes Franciscanas: Historiografia franciscana brasileira*. «Revista Histedbr On-line». 41, 23-38.
- JURKEVICS, Vera Irene (2004). *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Tese de doutoramento.
- PACHECO, Moreno Laborda (2018). *Cronista de uma custódia distante: fr. Manuel da Ilha e sua narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil (1621)*. «Revista de História». 177, 1-32.
- REIS, Anderson Roberti dos; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira (2006). *A crônica colonial como gênero de documento histórico*. «Ideias — UNICAMP». 13:2, 25-42.
- SANTOS, Danilo Pinto dos (2019). *Crítérios para produção de arte sacra imaginária no Brasil colonial, a partir das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. «Temporalidades». Ed. 30. 11:2, 444-460.